



Potter, um caminho pragmático

Potter, Pragmatic Path

Autores

Norton Nohama

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Email: norton.nohama@pucpr.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0583-6723>

Daiane Priscila Simão-Silva

Universidade Estadual do Centro-Oeste

Email: dpsimao@unicentro.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1633-9899>

 **Resumo**

Este artigo parte de uma questão central na Bioética Global de Van Rensselaer Potter: como aplicá-la à realidade concreta? Hipotenizamos que uma possibilidade de resposta poderia ser vislumbrada convergindo os seus elementos centrais com o caminho hermenêutico percorrido pelo autor a partir de seu “lugar de fala”. Metodologicamente, adotamos uma investigação crítico-analítica da sua obra. Discutimos que para além da originalidade da proposta, ela requer um novo olhar e um outro agir, envolve um caminho pragmático, ousado, uma linguagem própria e uma metodologia sui generis que precisa ser adequadamente compreendida. Concluimos que a obra de Potter, como ele próprio parece sugerir, não encerra em si um sistema bioético pronto e acabado, mas antes disso, um método para o construir, a partir do qual é possível a sua aplicação.

 **Abstract**

The starting point of this article is a central question in Van Rensselaer Potter's Global Bioethics: how can it be applied to specific reality? We hypothesise that one possible answer could be found by converging its central elements with the hermeneutic path taken by the author from his “place of speech”. Methodologically, a critical-analytical investigation of his work is adopted. It is argued that, in addition the originality of the proposal, it requires a new perspective and a different approach, involving a bold, pragmatic path, its own language and a sui generis methodology that needs to be properly understood. The conclusion drawn is that Potter's work, as he himself seems to suggest, does not contain a ready-made, complete bioethical system but rather a method for constructing it, after which it can be applied.

 **Key words**

Bioética global; Potter; progresso; sabedoria; futuro; sobrevivência; compaixão.
Global bioethics; Potter; progress; wisdom; future; survival; compassion.

 **Fechas**

Recibido: 22/06/2023. Aceptado: 11/10/2023



1. Introdução

Curiosamente, a obra fundamental de Potter, *Bioethics: Bridge to the Future*, de 1971, encontrou em Hans Jonas (2006), na obra *The Imperative of Responsibility: In Search of an Ethics for the Technological Age*, de 1979, uma outra leitura de equivalente magnitude para o mesmo desafio

A bioética, como campo de estudo, é uma área relativamente nova, para a qual convergem diversos ramos do conhecimento. Como campo de aplicação prática, poderíamos situá-la tanto no amplo espectro da Ética, tradicionalmente vinculada à filosofia, como entre as ciências da vida. Essa aparente imprecisão decorre, ao menos em parte, da própria gênese de suas origens que, de modo geral, segue caminhos distintos: uma voltou-se para o debate das questões relacionadas à saúde humana e seus problemas e outra para os impactos decorrentes da ação humana, sobretudo o emprego da tecnologia e o progresso dele decorrente sobre a biosfera (Fischer et al., 2017; Hans Martin Sass, 2007). Por outro lado, a sua própria proposta de trabalho (que a partir dos fundamentos da ética busca estabelecer um diálogo entre as diversas áreas do conhecimento acerca dos problemas práticos da vida), fincou raízes como área interdisciplinar, entre as ciências e as humanidades. Outras definições são possíveis e muito provavelmente, todas elas estejam de alguma forma corretas e talvez, de alguma maneira, insuficientes.

As variadas formas que aquele primeiro caminho assumiu nestas décadas iniciais, com correntes de pensamento como o Princípioalismo e o Utilitarismo, entre outros, são expressões interessantes do esforço coletivo dos seus representantes em encontrar soluções para problemas dramáticos de nossa sociedade contemporânea, a partir da convergência de visões distintas sobre um mesmo problema. Já o segundo caminho, que se convencionou denominar de Bioética Global (termo que encerra em si mesmo seu objeto de estudo), desde o princípio tem uma mesma identidade de propósitos e muitos pontos de convergência. Apresentada em sua forma mais integral por Van Rensselaer Potter, considerado patrono da Bioética, encontra em Fritz Jahr (pastor, filósofo e educador protestante), em justa medida, não apenas a progênie do termo, mas também, ao menos em parte, alguns de seus fundamentos, expressos a partir de um artigo editorial publicado em 1927 na Revista Kosmos, intitulado *Bio+Ethik. Eine Umschau über die ethischen Beziehungen des Menschen zu Tier und Planze* (*Bioética. Um panorama da ética e da relação do homem com os animais e as plantas*, trad. nossa) (Jahr, 2013; Renk et al., 2021; Hans Martin Sass, 2007).

Curiosamente, a obra fundamental de Potter, *Bioethics: Bridge to the Future* (*Bioética Global: ponte para o futuro*) (Potter, 2016), de 1971, encontrou em Hans Jonas (2006), na obra *The Imperative of Responsibility: In Search of an Ethics for the Technological Age* (*O princípio responsabilidade - Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*), de 1979, uma outra leitura de equivalente magnitude para o mesmo desafio. Embora sejam reflexões de diapasão distintos, são obras capitais para este campo, cujo estudo comparativo poderá estabelecer simetrias valiosas e constitui um desafio por enfrentar tão interessante quanto potencialmente enriquecedor para a área.



A maioria das publicações e estudos realizados a partir da bioética concentram-se no debate das questões relacionadas à saúde humana, suas necessidades, adversidades, vicissitudes e dilemas. Menos frequentes são os estudos apoiados na Bioética Global, em especial a partir de Potter e Jonas.

Um aspecto singular pouco explorado na obra de Potter diz respeito àquilo que está nas entrelinhas de suas ideias centrais e as acompanham embrionariamente como implicação necessária e condicionante primária para sua aplicação: a questão do método. Embora ele não esteja descrito explicitamente em sua obra, encontra-se implícito nela como condição obrigatória em críticas e conceitos como “progresso”, “conhecimento perigoso”, “ignorância perigosa” e “sabedoria”.

Outro aspecto que distingue Potter é que sua opção não segue a lógica tradicional, que em geral cuidava de estabelecer princípios e diretrizes para orientar as escolhas e a resolução de conflitos humanos, prevalentemente circunstanciais. Ela emerge de uma exigência fundamental, um objetivo primário

Outro aspecto que distingue Potter é que sua opção não segue a lógica tradicional, que em geral cuidava de estabelecer princípios e diretrizes para orientar as escolhas e a resolução de conflitos humanos, prevalentemente circunstanciais

que é concomitantemente um princípio, apresentado na forma de um dilema: a sobrevivência (primeiramente da espécie humana e, posteriormente, de todas as vidas e da própria biosfera), para propor a busca de um caminho hermenêutico para garanti-la. Esse caminho, a ser erigido como um novo conhecimento que transcende permanentemente a si mesmo ele denominou de “sabedoria”, cuja missão última é tornar-se o principal paradigma de nosso tempo. Isto constitui o diferencial singular de Potter: a sua bioética é, a rigor, um método, desde logo traduzido no título de sua obra principal através do termo “Bridge”. Para além do significado mais direto (ponte entre as ciências e as humanidades), o termo parece indicar também travessia, movimento, conexão entre o conhecido, o nosso tempo, e

o desconhecido, “the Future”. A sua obra parece situar-se exatamente nesse meio entre o princípio e o propósito. É justamente este caminho que a analogia da “ponte” parece sugerir e que nos propusemos aqui a refletir, sem perder de vista toda a edificante reflexão até aqui construída acerca do pensamento Potteriano e levando em conta o vasto repertório dos problemas globais para os quais a Bioética tem muito a contribuir.

2. Potter: um caminho pragmático

Potter é um cientista, bioquímico, transitou por toda a vida na academia, na Universidade norte-americana de Wisconsin, envolvido na pesquisa oncológica. Embora tenha sido a partir da maturidade que passou a publicar suas reflexões mais amplas acerca dos problemas do mundo e adotar o neologismo “bioética” para definir sua proposta, o registro póstumo feito por seus pares na sua universidade indicam que tais preocupações coabitavam a sua prática científica e acadêmica desde sempre:



Para Van, a ciência não era “trabalho”, mas uma experiência ética, apaixonada e criativa. Além do mais, ele não separava o cientista do processo científico ou o cientista do contexto social do empreendimento científico. Essa filosofia, motivada por seu conceito de “humildade com responsabilidade”, o conduziu à fase final de sua produtiva carreira. (Trosko & Pitot, 2003 apud Potter, 2016)

O próprio Potter assim parece posicionar sua obra no prefácio de *Bioética Global: Ponte para o Futuro*: “este livro é um subproduto de trinta anos de pesquisa sobre câncer” (Potter, 2016, p. 23). Essa origem parece ter influenciado, ou ao menos imprimido algum significado em sua obra, sobretudo se considerarmos que acabou de alguma forma assumindo a configuração de um desafio pela superação daquela cisão inaugurada pelo iluminismo entre as ciências e as humanidades. De um lado, a posição privilegiada como cientista, reconhecido em sua área, lhe conferiu autoridade para dialogar com seus pares, a quem dedicou

O próprio Potter assim parece posicionar sua obra no prefácio de *Bioética Global: Ponte para o Futuro*: “este livro é um subproduto de trinta anos de pesquisa sobre câncer”

grande parte de sua obra. De outro, ao tratar de assuntos inusitados (a ética) para cientistas acostumados ao pragmatismo hermetico das ciências da vida, o fez utilizando-se de uma linguagem que eles pudessem entender e eventualmente apreender, sem as exigências do domínio do léxico próprio, pressupondo que não raras vezes, o discurso das ciências humanas era apenas parcialmente compreendido e, não raras vezes, malquistas suas ideias. Algo que mesmo meio século depois, o The Hinxton Group por exemplo, composto por algumas reconhecidas instituições norte-americanas e do Reino Unido, entre outras, deixou evidente em sua “Statement on Genome Editing Technologies and Human Germline Genetic Modification” (“Declaração sobre Tecnologias de Edição de Genoma e Modificação Genética da Linha Germinativa Humana”) na qual consta: “Policymakers should refrain from constraining scientific inquiry unless there is substantial justification for doing so that reaches beyond disagreements based solely on divergent moral convictions” (“Os formuladores de políticas devem abster-se de restringir a investigação científica, a menos que haja uma justificativa substancial para fazê-lo que ultrapasse as divergências baseadas apenas em convicções morais divergentes”) (The Hinxton Group, 2015, p. 6, tradução nossa).

Se essa sua origem como cientista aparentava uma vantagem, vez que representava ao mesmo tempo a afirmação da proposta da “ponte” entre as ciências e as humanidades e o primeiro esforço para estabelecê-la, concomitantemente prefigurou um íngreme obstáculo. Dos vários motivos, talvez dois aspectos tenham sido especialmente significativos: 1º a sua proposta veio acompanhada de uma crítica severa ao Progresso e a forma de fazer ciência e indicava perspectivas futuras desastrosas para a humanidade. Isto talvez não tenha sido bem recebido nem por seus pares cientistas, nem por lideranças públicas e políticas, e menos ainda pelo mercado, ávido permanentemente pela apropriação de toda e qualquer novidade advinda do progresso tecnocientífico que pudesse



ser convertido em lucro, em especial naquele tradicional ambiente neoliberal norte-americano em forte expansão no qual ele estava imerso. Desta forma, o uso de uma linguagem comum ao meio, que por certo facilitou a compreensão da mensagem sem grandes dúvidas de interpretação ou entendimento, distante de consubstanciar aquela vantagem, parece ter facilitado às vozes discordantes rechaçar sincronicamente tanto a crítica quanto a proposta. Afinal, era um cientista, dentro do próprio meio, criticando seus pares mediante princípios, referenciais e valores que lhes eram insólitos, das humanidades. Não por acaso, Potter, citando Schweitzer, menciona em sua obra: “[...] nossa época descobriu como divorciar o conhecimento do pensamento, com o resultado que temos, de fato, uma ciência que é livre, mas dificilmente uma ciência que reflete” (“Our age has discovered how to divorce knowledge from thought, with the result that we have, indeed, a science which is free, but hardly

any science left which reflects”) (Schweitzer, 1947, p. 18 apud Potter, 2016, p. 70). Ou seja, a mensagem certamente foi compreendida e por isso mesmo, denegada; 2º de outro lado, o fato de ser um homem de ciências se apropriando de princípios, referenciais e valores das humanidades, de um discurso que aos olhos da cátedra não era seu por direito, com o propósito claro e inequívoco de erigir nada menos que uma ética para a civilização humana, infringiu também as tradições seculares das humanidades, em especial da filosofia, reinventada na modernidade da *Crítica da Razão Pura* por ninguém menos que Immanuel Kant, uma ousadia com viés de heresia.

No entanto, essa aparente falta de receptividade e apoio ao menos lhe conferiu a necessária liberdade para construir um pensamento único, com autonomia para dispor tanto das humanidades como das ciências, adotando categorias mentais próprias e linguagens improváveis de outra maneira.

Esse modo híbrido de pensamento, distante de produzir uma quimera, gerou o que se denomina atualmente “bioética global”. No entanto, o incomum caminho epistemológico percorrido por Potter deixou lacunas não preenchidas. Uma delas refere-se a compreender se a sua bioética seria aplicável apenas às grandes questões globais ou se poderia servir de referencial para resolução dos problemas cotidianos, do microuniverso interpessoal ou individual, como aqueles tradicionalmente equacionados pelas bioéticas voltadas aos dilemas clínicos. De fato, poderíamos dizer que preencher essa lacuna é uma condição não apenas necessária, mas obrigatória para qualquer proposta de bioética enquanto sistema. Isto é parte dos bons desafios do seu legado que as novas gerações de bioeticistas podem e devem enfrentar.

No entanto, essa aparente falta de receptividade e apoio ao menos lhe conferiu a necessária liberdade para construir um pensamento único, com autonomia para dispor tanto das humanidades como das ciências, adotando categorias mentais próprias e linguagens improváveis de outra maneira



3. A estrutura do pensamento Potteriano

Nossa sociedade precisa compreender que seu modo de ser é causa de um tipo muito particular de desordem no mundo e no meio ambiente

A construção do conhecimento, em geral, segue uma lógica comum, que inclui o uso de uma linguagem apropriada e categorias mentais que sejam inteligíveis a seus interlocutores, que se conectem e interajam organicamente e que traduzam o objeto da realidade em estudo (o assunto) através de fatos, dados, argumentos estruturantes e conclusões sistemicamente coerentes e sustentáveis. Assim o é tanto no discurso científico quanto religioso, na prática pedagógica, na política e no cotidiano. Vez por outra aquela linguagem é substituída por formas alternativas, no intuito de dar materialidade e facilitar a apreensão de conceitos mediante exemplos. Este é o caso das parábolas, substitutivos dos argumentos mais formais e que são comuns no discurso religioso, nos contos infantis e até mesmo no pensamento antigo, quase um atavismo cultural. A obra de Potter, ao recorrer em abundância a conceitos da biologia, além de cumprir aquele propósito que tratamos, de tornar o discurso compreensível a seus pares, parece seguir também este mesmo intuito metafórico de dar materialidade aos conceitos por ele propostos. A diferença é que em regra o uso da parábola é apenas um pretexto, um modo de abordar um determinado assunto. Já no caso de Potter, o argumento é ao mesmo tempo pretexto e assunto. Este parece ser o caso de capítulos inteiros da obra *Bioética, Ponte para o futuro*, como por exemplo os capítulos: “VII: o papel da desordem na atividade e pensamento humanos”, “IX: respostas intracelulares à mudança ambiental: a busca pelo ambiente ideal” e “X: como é definido o melhor ambiente possível”. A peculiaridade dessa sua estratégia é que nem sempre é facilmente presumível o momento em que o argumento apresentado é meramente um pretexto, daquele em que ele é o próprio assunto. Isto parece se refletir em avaliações dissonantes que apontam alguma incongruência, sobretudo na referida obra, cuja superação pode exigir algum conhecimento, em especial da biologia e um certo esforço para superar a aparente “desordem” que a metodologia parece causar.

Aliás, “desordem” parece ser a estratégia preferencial de Potter ao apresentar a Bioética Global. Ela está presente na crítica ao “Progresso” e ao “conhecimento perigoso” e constitui parte da base sobre a qual deve ser edificada a busca da sobrevivência pela via da “Sabedoria”. Sua obra, assim compreendida, expressa ao menos duas coisas: 1º que nossa sociedade precisa compreender que seu modo de ser é causa de um tipo muito particular de desordem no mundo e no meio ambiente e, 2º que tal compreensão deve conduzir a sociedade à busca de uma sabedoria capaz de superá-la. Esse raciocínio tipifica os diversos paralelismos contidos no pensamento Potteriano: entre o que acontece nos organismos vivos e na sociedade; nos processos metabólicos, intracelulares e nos indivíduos; nos quais a desordem é tanto a condição biológica natural quanto cultural necessária e permanente de busca pela homeostase, mas entendendo que em nenhum dos casos o seu alcance pode ser entendido como meta terminal, con-



siderando que em ambos é a busca retroalimentada permanentemente em cada ciclo e não o seu alcance a condição necessária do processo.

De fato, Potter nos desafia a refletir se queremos de fato que nossas ações possam produzir alguma perspectiva real e decente de sobrevivência das futuras gerações. Que para tanto precisamos encontrar uma forma de conviver em nossa “casa comum”, a biosfera, e que isso passa necessariamente por uma linguagem comum entre as ciências e as humanidades, que permita a comunhão de entendimentos acerca dos problemas e dos deveres que são de toda a sociedade, e da necessidade da construção de valores compartilhados, de uma ética planetária, uma bioética global e profunda, sem o que não é possível alcançarmos a Sabedoria que necessitamos para fazer as escolhas que o futuro nos exige. Isto materializa, em certa medida, o esforço em traduzir aquela “experiência ética, apaixonada e criativa” daquele que “não separava o cientista do processo científico ou o cientista do contexto social do empreendimento científico” (Trosko & Pitot, 2003). Em Potter, forma e conteúdo, crítica e método parecem estar de tal maneira amalgamados em seu pensamento que, ou se compreende tudo, ou provavelmente muito pouco se aceite.

Em Potter, forma e conteúdo, crítica e método parecem estar de tal maneira amalgamados em seu pensamento que, ou se compreende tudo, ou provavelmente muito pouco se aceite

4. Do Progresso ao Conhecimento Perigoso

Um dos conceitos fundamentais do pensamento Potteriano está circunscrito na crítica ao Progresso. Longe de ser, no geral, uma novidade, sob perspectivas distintas, este debate já estava presente em vários outros pensadores, não apenas os que ancoram a sua obra, como Aldo Leopoldo (Potter, 1998, 2016, 2018), mas também em tantos outros como o próprio Jonas (2006).

Resumidamente, ele distingue três conceitos de Progresso que, na sua perspectiva, convivem em constante conflito: o religioso, o materialista e o científico-filosófico. Se para o primeiro, o verdadeiro Progresso não está neste mundo, mas “como aumento do conhecimento da vontade de Deus” (Potter, 2016, p. 65), o segundo, fundamentado na ideia Darwinista de evolução, assume a representação de que o Progresso é um desejo universal, um impulso natural somente alcançável pelo incremento do conhecimento. Esta compreensão sustenta a ideia ubíqua de que todo progresso é bom, inevitável e, forçosamente, quanto mais conhecimento, melhor. Já o conceito científico-filosófico parte do conceito materialista, mas modifica a ideia do Progresso como um mecanismo natural para afirmá-lo como uma busca contínua, inalcançável e ilimitada. Neste caso, a diferença importante entre o Progresso da natureza e o do ser humano é que o primeiro é reativo aos estímulos circunstanciais, se apresenta e se esgota sempre no tempo presente, ao passo que o segundo pode ser planejado e prospectivo em termos de futuro (Potter, 2016).



Na perspectiva de que o conceito científico-materialista é uma etapa intermediária necessária entre o conceito religioso e o científico-filosófico, Potter assinala que o progresso humano é fruto do esforço da ciência, no entanto, assevera que: “a ciência é conhecimento, mas não é sabedoria” (Potter, 2016, p. 28).

Tal progresso, que levou ao desenvolvimento da ciência moderna aos patamares de resultados atualmente alcançados, é resultado direto da forma como a ciência é feita, por meio da fragmentação da análise dos problemas e deles próprios e otimização dos recursos com a finalidade de potencializar resultados. Esta estratégia acabou por produzir ao menos três efeitos colaterais em cascata: 1º fragmentou o conhecimento ao nível da sua atomização, a alta especialização; 2º isso abriu espaço para a criação de objetivos próprios para cada projeto, não necessariamente contextualizados com aqueles desafios mais amplos e, 3º tais conhecimentos não mais se encaixam no grande mosaico do conhecimento mais amplo, com o resultado que o cientista acaba por não mais conseguir vislumbrar como aquele micro conhecimento se intercala, se encaixa e contribui “no contexto mais amplo da ciência e da sociedade” (Potter, 2016, p. 78). Este cientista é levado a supor que esta fragmentação não se constitui em um problema, já que todo o conhecimento, ainda que pequeno e descontextualizado, é progresso, e todo o progresso é bom e conduz a um bem maior. Este é o novo enigma da esfinge chamada Progresso. O resultado é que:

Esse Progresso, da forma como se consolidou, a rigor, é a gênese do *conhecimento perigo*: “o conhecimento que se acumulou mais rápido do que a sabedoria para o administrar”

estratégia acabou por produzir ao menos três efeitos colaterais em cascata: 1º fragmentou o conhecimento ao nível da sua atomização, a alta especialização; 2º isso abriu espaço para a criação de objetivos próprios para cada projeto, não necessariamente contextualizados com aqueles desafios mais amplos e, 3º tais conhecimentos não mais se encaixam no grande mosaico do conhecimento mais amplo, com o resultado que o cientista acaba por não mais conseguir vislumbrar como aquele micro conhecimento se intercala, se encaixa e contribui “no contexto mais amplo da ciência e da sociedade” (Potter, 2016, p. 78). Este cientista é levado a supor que esta fragmentação não se constitui

em um problema, já que todo o conhecimento, ainda que pequeno e descontextualizado, é progresso, e todo o progresso é bom e conduz a um bem maior. Este é o novo enigma da esfinge chamada Progresso. O resultado é que:

Ele [o cientista] não era mais capaz de dedicar o seu tempo às questões cósmicas ou a se preocupar com a verdade última. Estava convencido de que esta última não era possível e que as primeiras não eram nem importantes, nem úteis, nem tampouco interessantes. (Potter, 2016, p. 78)

Esse Progresso, da forma como se consolidou, a rigor, é a gênese do *conhecimento perigo*: “o conhecimento que se acumulou mais rápido do que a sabedoria para o administrar” (Potter, 2016), e que em síntese, é resultante de cinco fatores:

1º a alta especialização do conhecimento: que à medida que se torna cada vez mais aprofundado acerca de seu objeto, se afasta cada vez mais do conhecimento mais amplo da vida, do mundo, da sociedade e da própria ciência;

2º o excesso de conhecimento: desconectado, pulverizado e descontrolado;

3º o conhecimento sem a necessária autocrítica: que não reflete sobre as consequências de si mesmo em relação ao futuro;

4º o conhecimento que se supõe neutro: que não reflete acerca dos usos que se possa fazer a partir dele e não considera as suas consequências;

5º o conhecimento sem reservas: que se assume como poder e se torna disponível a ele sem reservas. (Nohama et al., 2023, p. 168)



Note-se que em Potter, o adequado entendimento do binômio Progresso x *Conhecimento Perigoso*, é capital e sua superação no mundo somente é viável mediante aquilo que é, concomitantemente, condição e propósito: a Sabedoria. Neste sentido, esta deve ser simultaneamente objeto e objetivo da ciência e a medida do seu progresso é a sobrevivência. A questão é: como usar aquilo que se busca, e que, portanto, ainda não se tem, para alcançá-la. Este é o desafio que Potter nos propõe, cuja resposta creditamos, assenta-se no método.

5. Ponte para o futuro: uma construção transversal, para além da interdisciplinaridade

As éticas tradicionais, e as bioéticas em geral, tratam de, a partir de um fato dado em determinado tempo e uma vez estabelecidos os sujeitos envolvidos, seguir uma de duas vias: ou estabelecem princípios sobre os quais se analisa as circunstâncias para determinar os méritos e deméritos dos sujeitos envolvidos, ou se estabelecem os valores para então confrontar o quanto eles, nas circunstâncias dadas, destes se aproximam ou equidistam e, finalmente,

definir uma guia para o agir ou decidir a respeito. Neste sentido, ou se tem os modelos de conduta, ou os parâmetros sobre os quais ela deve se conformar. Desse modo, perspectivas distintas, erigidas na interdisciplinaridade, representam um acréscimo valioso à análise bioética dos fatos.

“Ciência é conhecimento, mas não é sabedoria” é um indicativo evidente da sua compreensão de que mais conhecimento, construído da forma e na lógica do Progresso até aqui alcançado, é apenas mais conhecimento, e portanto, mais *conhecimento perigoso*

Ao definir a bioética como a ponte de ligação entre duas culturas, *ciência e humanidades*, Potter afirma também que os “valores éticos” não podem ser desassociados dos “fatos biológicos” e que a sobrevivência do ecossistema total é o teste do sistema de valores. De tal modo que aquela ponte necessariamente tem que ser mais do que uma simples conexão e talvez, até mesmo exigir uma *práxis* própria que parece não se conformar com a das éticas tradicionais.

Ao mesmo tempo, o alerta feito por Potter (Potter, 2016, p. 28) de que “ciência é conhecimento, mas não é sabedoria” é um indicativo evidente da sua compreensão de que mais conhecimento, construído da forma e na lógica do Progresso até aqui alcançado, é apenas mais conhecimento, e portanto, mais *conhecimento perigoso* que, se não se constitui, *de per se*, condição de sua superação, o é para o seu agravamento. Neste sentido, parece razoável supor que o conhecimento bioético erigido a partir da interdisciplinaridade, embora indiscutivelmente se constitua em importante e necessário esforço de aproximação de conhecimentos distintos, ainda assim, é mais conhecimento, e não necessariamente, sabedoria, ao menos aquela concebida por Potter. A superação deste problema necessita de um vetor que seja promotor de um confronto dialético de todos os conhecimentos disponíveis. Este vetor é a transversalidade.



De certa forma, essa transversalidade é o reconhecimento de que de um lado, a realidade contém em si tal dimensão e complexidade que desafia nossa limitada capacidade de apreendê-la e que cada olhar, cada abstração particular é apenas uma parte dela, incompleta e não raras vezes distorcida pelos valores e limitações de seu observador. E de outro, que a catálise de todos esses olhares possibilita a síntese de um conhecimento mais amplo, que é mais do que a mera unificação de todos esses olhares. Se tal conhecimento for capaz de resistir ao confronto com aquela realidade, isto parece ser o mais próximo que podemos chegar de uma verdade universal.

Se podemos tomar como certo que a “ponte” é a invocação da interdisciplinaridade, podemos também considerar adequado entender que este gesto, esta ação de religar as ciências e as humanidades, só pode ser feita como um movimento pendular, transversal, catalizador e transformador

Para além do que Potter nos expõe a este respeito, convém interpretá-lo à luz da sua trajetória como cientista. Por exemplo: o imenso esforço desenvolvido por milhares de cientistas ao longo de décadas, incluindo Potter, em busca do tratamento e cura do câncer, é um caso modelar dessa transdisciplinaridade: a convergência interdisciplinar dos vários saberes, da medicina, da química e da bioquímica, da física e da biofísica, da genética, da epigenética, da fisioterapia e da psicologia, entre tantas outras, acrescidos aos conhecimentos mais amplos das humanidades e das religiões, tem permitido não apenas entender melhor os fenômenos envolvidos no surgimento dos primeiros fenômenos moleculares que dão origem ao desenvolvimento das mutações das quais se iniciam os carcinomas, como também o desenvolvimento de novos fármacos e terapias para o tratamento da doença, para a cura e até mesmo para o atendimento paliativo daqueles para quem todo o conhecimento acumulado

ainda não é suficiente para suplantar o desfecho final inevitável em todas as circunstâncias. Todo esse esforço não é meramente uma acumulação dos vários conhecimentos das várias disciplinas envolvidas, ainda que fossem sistematicamente organizados, é mais que isso. A catálise dialética deles, ao mesmo tempo em que transforma cada um individualmente e lhes confere uma nova perspectiva, produz um novo saber que transforma o tratamento da doença para alcançar, sobretudo, o cuidado da pessoa, do ser humano, na perspectiva do futuro que o aguarda, e a quem a rigor, todo o esforço deve ser dedicado e somente no qual é possível encontrar algum sentido e significado. Este novo conhecimento, em algum grau, é a sabedoria produzida transversalmente e apropriada por todos. Parece, pois, adequado entender que a proposta de Potter é também a sua compreensão acerca dos desafios enfrentados ao longo de sua longa jornada como pesquisador e das estratégias de como os enfrentar.

Neste sentido, a metáfora “ponte para o futuro”, considerado a obra no seu contexto, mais do que uma conexão, parece indicar uma ação homeostática, um processo contínuo, tanto entre as ciências e as humanidades, como também entre o presente e o futuro. Se podemos tomar como certo que a “ponte” é a invocação da interdisciplinaridade, podemos também considerar adequado entender que este gesto, esta ação de religar as ciências e as humanidades, só



pode ser feita como um movimento pendular, transversal, catalizador e transformador. Por certo, podemos dizer que é através dele que aquela necessária Sabedoria poderá emergir.

6. Sabedoria: a construção do conhecimento transdisciplinar, mediado pela compaixão, com o propósito da sobrevivência

Potter (2016) definiu sabedoria como “o conhecimento de como usar o conhecimento para a sobrevivência humana e para o melhoramento da qualidade de vida”, ou ainda, “o conhecimento de como usar o conhecimento para o bem social”, ou, simplesmente, a “ciência da sobrevivência”. Isto decorre do entendimento de um fato bem conhecido e uma necessidade nem sempre assumida:

Se concordamos que nosso meio ambiente está mudando e mudando rapidamente, devemos concordar que não possuímos agora toda a informação de que precisamos para construir uma sociedade futura. Devemos perguntar o que podemos fazer para ganhar uma ideia melhor de como prognosticar a natureza dos futuros problemas com os quais teremos de lidar. (Potter, 2016, p. 23)

A Sabedoria, nas palavras do próprio Potter: “um guia para a ação”, é, em síntese, a própria bioética proposta por ele, e como tal, poderia parecer a um primeiro olhar, que se coaduna com a tradição filosófica de um sistema moral para orientar o agir humano. No entanto, Potter traz algumas novidades. Ele acrescenta ao sistema, além dos “valores humanos”, o “conhecimento biológico”, algo que não representa em absoluto uma mera tentativa de conciliar as ciências emergentes com as éticas, nem as antigas, baseadas nas paixões humanas, tampouco as iluministas, baseadas na razão (Potter, 2016, p. 27, 197). Isto, por si só, parece exigir algumas considerações que podem ser úteis não apenas no entendimento do conceito, mas principalmente na sua aplicação.

A Sabedoria, nas palavras do próprio Potter: “um guia para a ação”, é, em síntese, a própria bioética proposta por ele, e como tal, poderia parecer a um primeiro olhar, que se coaduna com a tradição filosófica de um sistema moral para orientar o agir humano

Desde logo, poder-se-ia arguir que avocar o “conhecimento biológico” para o interior de um sistema ético equivaleria a assumir, de partida, algum grau de determinismo, de modo que o agir humano estaria inexoravelmente incompatibilizado por princípio, à ideia de livre arbítrio. Isto poderia levar a uma configuração insuperável entre alguns conceitos estabelecidos, de um lado, pelas éticas tradicionais e de outro, em fundamentos da bioquímica e biologia, fortemente ancorados na Teoria da Evolução e no neodarwinismo, e destes, com o projeto de Progresso materialista, estabelecido sobretudo nos últimos três séculos de ascensão Iluminista do *homo faber* de que fala Jonas (2006). Nessa seara, saber se a liberdade é o ponto de partida do agir humano, ou se tal agir está limitado



Em Potter, a Sabedoria, como ética da vida, ou simplesmente bioética, não se conforma a um conjunto normativo (estabelecido a partir da soma de todos os conhecimentos) para submeter o agir humano, tampouco a um conjunto de princípios para o orientar

por condicionantes preexistentes, ou dito de outra forma, se tal agir é fruto da autonomia da vontade ou é resultante do bem e do mal como essências imanentes do ser, ou ainda fruto de um caprichoso arranjo bioquímico, engendrado inexoravelmente numa matriz biológica, é um debate interessante e que poderia ser enfrentado tanto a partir do conceito Potteriano de “ignorância perigosa” como das reflexões de próceres como Immanuel Kant e até mesmo Hanna Arendt. No entanto, Potter não se limita a este caminho. Ele parece estar convencido de que razão e natureza biológica não podem ser dissociadas, de modo que o agir humano é orientado tanto pela razão, quanto por fatores biológicos. Esta abordagem, por certo, é uma novidade com a qual as éticas tradicionais não estavam acostumadas a lidar e mesmo as ciências eram ainda incipientes em seus estudos, apesar dos avanços em campos como a bioquímica e a psiquiatria que, desde logo enveredaram por esse caminho nos estudos sobre a natureza e a psique humana. Aqui se encontra talvez um dos principais desafios à compreensão da bioética Potteriana e que não pode ser enfrentado sem um esforço conjunto e unificador dos conhecimentos de cientistas e humanistas.

Se por um lado, tal unificação trata da superação daquele “conhecimento perigoso”, por outro, como “guia para a ação”, é parte do caminho para a sabedoria. Neste sentido, esta é, *a fortiori*, não apenas um novo conhecimento, mas também de um novo tipo, cujo propósito é a sobrevivência. Todavia, este é um propósito que não pode ser alcançado senão pela mediação de algo que dá atributo à sobrevivência, de modo a que ela não se transforme naquela luta sangrenta de que fala (Kesselring, 2000): a compaixão. Assim, ela é essa interação dialética de todas as perspectivas, que ao mesmo tempo as unifica, as remodela e reformula, num movimento constante de ordem, desordem, adaptação e retroalimentação. Note-se que, não fosse assim, a superação do *conhecimento perigoso*, que conduziria à sabedoria, poderia ser uma função plenamente alcançável por uma inteligência artificial e talvez, considerada a complexidade e o tamanho hercúleo do desafio, apenas por ela. Do que resultaria que a sobrevivência da humanidade, do planeta e a sina das futuras gerações dependeria apenas de um bom algoritmo e em superprocessador, algo que até pode ser um argumento empolgante para alguns pós-humanistas, mas que, em verdade, não passa de uma quimera entre o *conhecimento perigoso* e a *ignorância perigosa*.

Dessa forma, em Potter, a Sabedoria, como ética da vida, ou simplesmente bioética, não se conforma a um conjunto normativo (estabelecido a partir da soma de todos os conhecimentos) para submeter o agir humano, tampouco a um conjunto de princípios para o orientar. Para além disso, ela se parece mais com um processo constante que evolui à medida em que se constrói, que se faz no mundo. Assim, a Sabedoria, como resultado da intervenção dialética sobre a interdisciplinaridade, é ela o próprio conhecimento transversal que, ao ser orientado para o futuro, deve ser mediado pela compaixão, sem o que a sobrevivência



estará ameaçada. Do que decorre, por óbvio, que a Sabedoria deve pautar não só o agir humano em geral, como também o fazer ciência e o governar, o que implica necessariamente, submeter também os impulsos da política e da economia.

Potter presumiu que na maturidade da Sabedoria, inundada pela plenitude do conhecimento, nossa espécie teria a capacidade de fazer as escolhas certas para a sobrevivência, tanto de nossa espécie, como de todas as vidas, de toda a biosfera, quase como se pudéssemos mirar alcançar um estado de consciência e sabedoria absoluta universal. Mas será que isso é compatível com a nossa

De fato, essa Sabedoria de Potter que, quiçá seja aquela “sabedoria iluminada” de Jonas, torne-se o ponto de inflexão e convergência para uma bioética global e profunda da responsabilidade pela sobrevivência digna de toda a biosfera

natureza? Temos de fato essa compaixão intrínseca? Somos de fato capazes de superar nossas ambiguidades e nosso antropocentrismo brutal e egoísta? De alcançar uma humildade iluminada, que nos faça finalmente entender e reconhecer que o nosso lugar no mundo é muito diferente daquilo que imaginamos, que nossa relação com a natureza é muito mais profunda e complexa e que dependemos dela muito mais do que desejamos e que sequer somos capazes de compreender? Este parece ser o desafio que a Bioética Global nos apresenta e que acreditamos, precisamos edificar as condições para nos atribuirmos tamanha responsabilidade e a assumirmos de fato, mesmo porque está claro que as éticas tradicionais não são suficientes para tal tarefa. Mas, se o caminho que devemos trilhar não for o de Potter?

Neste caso, talvez então nos reste apenas a *Responsabilidade* de Jonas (2006). Aliás, quem sabe, a Sabedoria possa conduzir à *Responsabilidade*, mesmo porque não poderia existir uma sabedoria irresponsável, ainda que a realidade insista em dizer que o contrário, uma responsabilidade ignorante não apenas é possível, como relativamente frequente, algo que a recente pandemia por Covid-19 deixou bastante evidente (Nohama et al., 2022). De fato, essa Sabedoria de Potter que, quiçá seja aquela “sabedoria iluminada” de Jonas, torne-se o ponto de inflexão e convergência para uma bioética global e profunda da responsabilidade pela sobrevivência digna de toda a biosfera.

7. Considerações finais

A via que Potter nos outorga segue uma lógica inusitada, desafia a longa tradição desde o universo das paixões até o altar da pura razão, não cabe na moldura das ciências e tampouco das humanidades. Ele nos diz que estas não foram capazes de nos entregar um mundo realmente melhor e que, se persistirmos nessa trajetória, tornaremos este pequeno planeta chamado Terra não só hostil, mas talvez até inabitável para as futuras gerações. Ele não apenas propõe um novo olhar sobre as perspectivas que temos a respeito do mundo e do nosso agir como espécie, mas também um novo agir. E isso precisa moldar tanto o fazer ciência como o refletir sobre ela mesma. Dessa forma, a bioética de Potter é concomitantemente, uma disciplina de estudo, um ramo do conhecimento e a



base da conduta científica que precisa ser incorporada como práxis. Disto decorre que a bioética enquanto disciplina tem ao menos dois grandes desafios de partida: servir como campo de estudo dos problemas decorrentes do processo civilizatório humano, do progresso científico e dos avanços biotecnológicos em franco desenvolvimento com vistas ao futuro, mas também como base e método de construção do conhecimento e da conduta científica, e não apenas como mais uma ferramenta deste progresso. Evidentemente que o avanço pedagógico desta segunda tarefa, desde os primeiros anos de formação, tanto de cientistas como de outras profissões, deverá conduzir (assim parecia esperar Potter), ao longo de gerações, ao fortalecimento da “ponte”, ao estabelecimento da “sabedoria” e ao equacionamento sustentável, ambiental e eticamente, dos desafios mais necessários e urgentes.

Neste sentido, esforços de aproximação do pensamento de Potter aos de Jonas podem produzir avanços substantivos para a Bioética Global e, por isso mesmo, bem-vindos

Mas isso requer um maior aprofundamento do pensamento Potteriano. Completar as lacunas deixadas em aberto na sua obra e avançar no modelo de fazer ciência esboçado nos seus textos, parecem se constituir em desafios que as novas gerações de bioeticistas poderiam assumir como tarefa principal, seja para afirmá-la como tal, seja para, a partir dela, erigir uma nova proposta que seja capaz de superar as limitações das éticas tradicionais. Neste sentido, esforços de aproximação do pensamento

de Potter aos de Jonas podem produzir avanços substantivos para a Bioética Global e, por isso mesmo, bem-vindos. Mas isso tudo não nos deve permitir perder de vista que as vezes, tão ou até mais importante quanto saber o que grandes pensadores quiseram nos dizer, é saber o que realmente aprendemos com eles.

Esperamos ter conseguido delinear razoavelmente a ideia de que a adoção do pensamento Potteriano, como disciplina de estudo, não pode ser feita da mesma forma que as demais éticas. Ela é uma nova ética que exige um novo método de trabalho, uma nova maneira de fazer ciência, de analisar problemas e construir perspectivas.

Evidentemente, esse “novo” parece requerer também uma abordagem original, inclusive para as publicações especializadas, sobretudo no campo da bioética. Estudos de amplitude com vistas à “sabedoria” proposta por Potter, parecem não se enquadrarem na moldura minimalista corrente, ainda que atendam satisfatoriamente ao *status quo* da ciência. O estudo feito por Nohama et al. (2023) em “CRISPR e edição genômica: técnica, bioética e controvérsias”, representa um exercício interessante nesse sentido, outros caminhos são possíveis, cabe-nos a ousadia de trilhá-los.



Referências

- Fischer, Marta Luciane, Cunha, Thiago, Renk, Valquiria, Sganzerla, Anor, & Dos Santos, Juliana Zacarkin. (2017). Da ética ambiental à bioética ambiental: Antecedentes, trajetórias e perspectivas. *Historia, Ciencias, Saude - Mangueiras*, 24(2), 391-409. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702017000200005>
- Jahr, Fritz. (2013). Bio-Ethics - Reviewing the ethical relations of humans towards animals and plants (Hans-Martin Sass, trad.). *Founding Fathers' Nook*, 227-231.
- Jonas, Hans. (2006). *O princípio responsabilidade - Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica* (Marijane Lisboa & Luiz Barros Montez, trads.). Contraponto.
- Kesselring, Thomas. (2000). O conceito de Natureza na História do Pensamento Ocidental (Alfredo Veiga-Neto, trad.). *Episteme*, 785(11), 153-172. <http://hdl.handle.net/10183/135326>
- Nohama, Norton, Simão-Silva, Daiane Priscila, Vaz, Rogério Saad, Cunha, Thiago Rocha da, Fischer, Marta Luciane, Gomy, Israel, Carvalho, Katherine Athayde Teixeira de, Paes, André Luiz Fonseca Dias, Reynoso, Fredy Augusto Weber, Borgmann, Ariela Victoria, Wisley, Isabelle Marie, Wiens, Nicole Soares, Pereira, Sarah Rodmann, Herai, Roberto Hirochi, & Sade, Elis Rosane. (2023). *CRISPR e edição genômica: técnica, bioética e controvérsias* (1.ª ed.). Atena Editora. <https://doi.org/10.22533/at.ed.846232605>
- Nohama, Norton, Soares da Silva, Jefferson, & Simão-Silva, Daiane Priscila. (2022). Ethics and Responsibility in Facing COVID-19 in the Context of Brazilian Public Agents. *Revista Latinoamericana de Bioética*, 22(2), 131-148. <https://doi.org/10.18359/rlbi.5482>
- Potter, Van Rensselaer. (1998). Deep And Global Bioethics For A Livable Third Millennium. *The Scientist Magazine*. <https://www.the-scientist.com/opinion-old/deep-and-global-bioethics-for-a-livable-third-millennium-57186>
- Potter, Van Rensselaer. (2016). *Bioética: ponte para o futuro* (1.ª ed., Diego Carlos Zanella, trad.). Edições Loyola Jesuítas.
- Potter, Van Rensselaer. (2018). *Bioética Global: construindo a partir do legado de Leopold* (Cecília Camargo Bartalotti, trad.). Edições Loyola.
- Renk, Valquiria, Catellain Guebert, Mirian Celia, & Enns, Cristoph. (2021). Bioética ambiental: aproximações entre Fritz Jahr e Van R. Potter. *Revista Iberoamericana de Bioética*, 17, 01-13. <https://doi.org/10.14422/rib.i17.y2021.003>
- Sass, Hans Martin. (2007). Fritz Jahr's 1927 Concept of Bioethics. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, 17(4), 279-295. <https://doi.org/10.1353/KEN.2008.0006>
- Schweitzer, Albert. (1947). An Anthology. In Charles R. Joy (org.), *The Beacon Press* (1.ª ed.). Beacon.
- Sarah Chan, Peter J. Donovan, Thomas Douglas, Christopher Gyngell, John Harris, Robin Lovell-Badge, Debra J. H. Mathews, Alan Regenber & On Behalf of the Hinxtion Group (2015). Genome Editing Technologies and Human Germline Genetic Modification: The Hinxtion Group Consensus Statement. *The American Journal of Bioethics*, 15(12), 42-47. <https://doi.org/10.1080/15265161.2015.1103814>
- Trosko, James E., & Pitot, Henry C. (2003). In Memoriam: Professor Emeritus Van Rensselaer Potter II (1911-2001). *American Association for Cancer Cancer Research*, 63(7). <https://cancerres.aacrjournals.org/content/63/7/1724.full-text.pdf>